

Comportamento em pastejo de bovinos de grupos genéticos com níveis de adaptação às condições tropicais

Vinícius O. Chimenez¹, Nino R.C. Barros Lima², Jonas Altoé³, Paulo R. Gullo Filho⁴,
Andréa R. B. Ribeiro⁵, Maurício M. Alencar⁶, Patrícia M. Santos⁶

¹ Aluno de mestrado em Ciência Animal e Pastagens na Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq), Universidade de São Paulo (USP), Piracicaba, SP.

² Aluno de mestrado em Ciência Animal e Pastagens na Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq), Universidade de São Paulo (USP), Piracicaba, SP; bolsista Funcamp.

³ Aluno de graduação em Agronomia da Universidade Camilo Castelo Branco (Unicastelo), Descalvado, SP; bolsista Fapesp.

⁴ Aluno de graduação em Agronomia da Universidade Camilo Castelo Branco (Unicastelo), Descalvado, SP; bolsista Pibic/CNPq.

⁵ Pós-doutoranda financiada pela Fapesp.

⁶ Pesquisadores da Embrapa Pecuária Sudeste, São Carlos, SP.

A expressão das características produtivas em bovinos sofre influências ambientais, podendo ser favoráveis para alguns genótipos e desfavoráveis para outros. O manejo da pastagem tem efeito direto no ambiente pastoril e principalmente no consumo do animal, sendo assim, o comportamento dos animais em pastejo é uma questão importante para o entendimento das relações planta-animal no ecossistema pastagem. No presente trabalho, objetivou-se avaliar, por meio de parâmetros de comportamento em pastejo, bovinos advindos de cruzamentos com raças adaptadas e não-adaptadas às situações de ambiente tropical. Foram utilizados 24 novilhos provenientes de cruzamentos de touros das raças Angus, Bonsmara e Canchim, com vacas cruzadas Angus x Nelore e Simental x Nelore. Os dados sobre o comportamento em pastejo foram obtidos por um observador acurado, com turno de observação de 12 horas seguidas, a cada 10 minutos, das 6h30min às 18h30min. Ao todo, eram quatro repetições dentro de cada piquete e os seis grupos genéticos presentes em cada uma dessas repetições. O local do experimento era constituído de quatro áreas de 2,0 hectares cada, subdivididas com cerca elétrica em 12 piquetes de 1.667 m² cada. O pastejo era rotativo, com três dias de pastejo no verão e cinco no inverno com 36 e 60 dias de descanso, respectivamente. A pastagem usada foi o *Panicum Maximum* cv. Mombaça. Ao todo, foram nove dias de observação em cada período. A análise de variância utilizada foi o procedimento GLM do SAS e aplicou-se o LSMEANS para comparação das médias com um nível de significância de 5%. A mudança de piquete ocorria sempre ao amanhecer; com isso, os animais iniciavam o dia com pico de pastejo, no inverno e no verão. No inverno começava-se com 57 minutos pastejo/hora até reduzir para 23 minutos/hora em torno de 11 horas da manhã; já no verão, começou-se com 60 minutos/hora e reduziu-se para 31 minutos/hora no mesmo horário da manhã. Esse tipo de manejo adotado potencializou o período de pastejo nas primeiras horas do dia após a mudança de piquete, diferentemente dos demais dias de ocupação. Por esse motivo, ao se realizar a avaliação do comportamento em pastejo dos animais, é interessante que a metodologia adotada para a mudança de piquete ocorra no período vespertino do dia anterior às avaliações, permitindo aos animais um período adequado de reconhecimento do piquete, podendo assim, ao iniciar as avaliações na manhã seguinte, retratar condições normais de tempo e período de pastejo.

PROCI-2008.00251.

CHI

2008

SP-2008.00251

Comportamento em pastejo de

2008

SP-2008.00251



18225-1